

O correr da pena nas Gazetas Manuscritas

A identidade das formas (1735-1738)

Lígia Gaspar Duarte



Índice

Agradecimentos	7
Introdução	9
1. Da materialidade da escrita às escritas pessoais	25
1.1 A impressão digital	26
1.2 A grafia como reveladora de identidade no século XVIII	31
1.3 A normalização vigente em Setecentos e as formas de apropriação dos modelos gráficos	39
1.4 Agentes da escrita no mercado do texto manuscrito	47
2. Perscrutar identidades gráficas	53
2.1 IV Conde da Ericeira	54
2.2 José Freire de Monterroio Mascarenhas	61
2.3 Rodrigo Xavier Pereira de Faria e Luís Montês Matoso	67
3. Na senda do <i>correr da pena</i> dos homens sem rosto	71
3.1 Incidências gráficas de “empresas” distintas entre 1735 e 1738	72
3.2 Identificação de famílias e variantes	77
3.2.1 “ <i>Diario</i> ” (1729-1740)	78
3.2.2 “ <i>Addições</i> ” (1736-1738)	85
3.3 A grafia e as sequências gráficas: um espaço de leitura	92
3.3.1 A interrupção do “ <i>Diario</i> ” no ano de 1734	98
3.3.2 O ano conturbado de 1737 nas “ <i>Addições</i> ”	102
3.4 As formas gráficas da correspondência pessoal	109
3.5 Das famílias caligráficas à caracterização dos “escreventes”	118
4. Dinâmica das grafias e materialidade complexa da escrita	123
Considerações finais: os significados para além das formas	135
Fontes e bibliografia	139
Anexos	149

Introdução

A identificação de caligrafias, mais do que um mero exercício de atribuição de autoria(s), constitui-se, no caso do estudo da colecção das *Gazetas Manuscritas da Biblioteca Pública de Évora* (BPE), como um campo de análise de questões mais vastas, nomeadamente a do processo de produção/execução dos folhetos manuscritos¹.

Fundamentalmente, o que se pretende é o estabelecimento de relações de identidade, entre formas gráficas e indivíduos, o que constitui um empreendimento explorador da dimensão e dinâmica do círculo de intervenientes no processo de execução destes folhetos. O mesmo será dizer das respectivas relações de coexistência, permanência e ruptura, da acção dos escreventes no período de 1735 a 1738. Paralelamente, propõe-se o enquadramento dessas relações de identidade com outros aspectos da materialidade da escrita, como os "ritmos" de produção, reveladores da inter-relação do indivíduo com os principais materiais implicados (papel, tintas e penas). Dos diversos usos dos materiais, das formas de reaproveitamento, associados às marcas distintivas da própria tipologia documental, desvendam-se padrões de "edição manuscrita", mediante os propósitos e condicionantes que envolvem os momentos da redacção. Os dois pontos de análise são claramente passíveis de ser lidos na colecção da Biblioteca Pública de Évora. Tudo isto constitui a problemática a explorar neste trabalho.

Neste ponto importa, antes de mais, fazer uma breve exposição relativa à fonte sobre a qual incide este estudo, assente nos trabalhos desenvolvidos por João Luís Lisboa e Tiago

¹ O presente livro tem por base a dissertação de mestrado em Ciências da Informação e Documentação pela Universidade de Évora, sob orientação da Professora Doutora Fernanda Olival, defendida na presença do arguente Professor Doutor João Alves Dias, a 14.09.2011.

O trabalho decorreu no âmbito do projecto de investigação "*Gazetas Manuscritas: Informação e Sociedade (1729-1754)*", PTDC/HAH/64759/2006, da parceria entre o Centro de História da Cultura (CHC) da FCSH – Universidade Nova de Lisboa e o Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora.

Parte da presente introdução desenvolveu-se paralelamente e em osmose com o texto, "*Os escreventes: identidades gráficas nas Gazetas Manuscritas (1735-1738)*" (DUARTE, 2011: 53-112), onde se publicaram as fichas caligráficas que escoram este estudo.

As escritas pessoais no período moderno constituem-se como marca identitária. A singularidade do traçar da letra articula vários elementos característicos, integrando um conjunto de indicadores que interpela o observador no sentido de uma análise física, histórica e culturalmente contextualizada.

Este livro propõe uma abordagem qualitativa da escrita articulada com uma análise paleográfica. Da análise sistemática de 1735-1738 ao alargamento generalizado da cronologia dos "Diários", "Adições à Gazeta" e cartas pessoais, desvendam-se, mais do que identidades gráficas, padrões de "edição manuscrita". A identificação de caligrafias constitui, por isso, uma aproximação à análise da dinâmica do círculo de escrivães, intervenientes no processo de produção/execução dos folhetos noticiosos.

Lígia Gaspar Duarte foi bolseira de investigação no Centro de História da Cultura (2007-2010) e no CIDEHUS (2010-2011) no projecto "Gazetas Manuscritas: informação e sociedade 1729-1754" (PTDC/HAH/64759/2006). É Mestre em Ciências da Informação e da Documentação pela Universidade de Évora (2011). Actualmente é bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia em História/Ciências da Informação e da Documentação com o tema "O Parentesco em fontes narrativas do século XVIII: ensaio de uma representação semiautomática".

CIDEHUS

ISBN: 978-989-8549-30-3



9 789898 549303

